

A jangada de pedra: Portugal como destino

Veridiana Almeida

Faculdade Educacional da Lapa (FAEL— Brasil)

Resumo: O presente artigo pretende analisar alguns dos eixos do romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, publicado em 1986, e que narra a história do desprendimento da Península Ibérica da Europa. Compreende-se a viagem da Península como uma resposta ao sentimento de desigualdade e, concomitantemente, uma busca pela identidade e liberdade em relação ao continente europeu. Ao fixar-se junto dos países da periferia do capitalismo, surge uma nova Atlântida, política e culturalmente unida aos países outrora colonizados pela Espanha e por Portugal. De forma mais ou menos objetiva, na geografia cultural saramaguiana, a Europa não é o lugar natural da Península; mas não é um facto tomado com desgosto por qualquer das partes. Assim, no rol dos aspectos que figuram a obra de José Saramago, emergem questões políticas e sociais, como o europeísmo, iberismo e lusofonia, uma vez que *A jangada de pedra* pode ser vista como uma reinvenção e representação de um destino para Portugal.

Palavras-chave: *A jangada de pedra*, José Saramago, identidade, iberismo.

***The stone raft*: Portugal and its destiny**

Abstract: In this paper, I will analyze some main axes of the José Saramago's novel *The stone raft*, first published in 1986, as the narration of the physical detachment of the Iberian Peninsula from Europe. The travelling Peninsula can be understood as a response to the feeling of inequality and, at the same time, as a search for identity and freedom vis-à-vis Europe. Considering the fact that it is placed near the countries which are peripheral to capitalism, the new Atlantis

emerges politically and culturally attached to the countries colonized by Spain and Portugal in former times. In a somehow objective way and considering Saramago's cultural geography, Europe is not seen a natural place for the Iberian Peninsula, a divergence which is not felt with pain by any of both parties. So, bearing in mind the different components of José Saramago's works, we can say that with this novel a set of political and social issues emerge, such as Europeanism, Iberism and Lusophony; at the same time, *The stone raft* can be read as a reinvention of Portugal, and a representation of its destiny.

Keywords: *The stone raft*, José Saramago, identity, iberism.

Mas a pergunta: «Que seremos amanhã»? é para mim uma obsessão, uma voz murmurante, um grito em certas horas de silêncio.

A resposta (se alguma vez vier a ser dada) é infinitamente plural, mas nela não estará nenhuma contribuição minha: nunca como hoje se pôde brincar menos com coisas sérias, e as exigências da análise que a ela levaria são tais e tão diversificadas, que o simples cronista que eu sou se deverá dar por satisfeito com aflorar ao de leve as interrogações mais próximas. É o seu modo de estar presente, de intervir, de exprimir a sua cidadania, de querer bem ao país onde nasceu, de amar o povo a que pertence.

José Saramago, *A bagagem do viajante*, 1996

Acredito que a citação colocada em epígrafe traduz um dos eixos do discurso narrativo de José Saramago, em torno do qual se intrincam e se entrelaçam todos os outros elementos discursivos que compõem o seu código ideológico e de representação. Aqui, faço a referência direta ao olhar que o autor nos propõe acerca da identidade portuguesa, num modo em que ele imagina e constrói um destino próprio para Portugal enquanto nação. A propósito, mais do que expressar seus pontos de vista acerca dos fatos históricos em suas narrativas, José Saramago delineou vários e novos territórios de experimentação literária ao desconstruir e criticar o próprio discurso oficial da História, tanto fazendo referência a Portugal ou estendendo suas inquietações além desse país, evidenciando o quanto esta referência é sempre passível de reformulação: «são revisitações de amplitude e de naturezas diversas» (Arnaut 2008: 23).

Assim, por meio desta exposição e com o vetor organizativo de que as revisitações fazem parte do passado português na capacidade imaginativa sarama-

guiana, pretendo focalizar aspectos desenvolvidos no romance *A jangada de pedra*, publicado em 1986: a viagem em busca da identidade e liberdade em relação ao continente europeu, em torno do «sentimento profundo da fragilidade nacional» (Lourenço 1999: 12). E, não por um acaso, a fissura nos Pirineus, a qual separa Portugal e a Espanha da Europa, é entendida como uma *alegoria*, como uma representação, que de uma maneira ou de outra, sucede no *mundo real*, como o distanciamento cultural, econômico, histórico e político registrado entre os países ibéricos e o continente europeu. Vale lembrar as palavras de Eduardo Lourenço, em seu conhecido ensaio *Portugal como destino*:

Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino. Quer dizer, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos identidade (Lourenço 1999: 89).

Assim, são as narrativas míticas, os mitos, que viabilizam a construção e a criação da própria identidade de cada povo e, em alguns casos, uma ideia própria de destino. Sabe-se que Portugal, no século XII, nasceu de uma revolta contra o reino de Leão, quando a Península Ibérica era apropriada por diminutos reinos cristãos ao norte e, ao sul, pelos muçulmanos; a sua identidade cultural e, principalmente, a sua ideia de destino estavam ligadas à noção de fragilidade santa, tendo em conta que se encontrava cercado por oponentes que ameaçavam a sua própria existência como reino independente, assim como a sua identidade. Assim, por meio dessa imagem em que a existência do reino lusitano é vista como milagrosa, da ordem do divino, percebe-se o quão acentuado foi o processo de sacralização das origens da pátria em Portugal (Lourenço 1999).

Posteriormente, depois de ter estabelecido colônias no mundo todo e de ter aspirado a um grande império ultramarino; após ter vivido sob o domínio filipino e de ter tardado sessenta anos para retomar a sua independência, em 1640; depois da Implantação da República em 1910, tendo conhecido, mais tarde, os extensos anos de ditadura salazarista e, por fim, várias décadas de democracia; Lourenço (1999) explica que, pela primeira vez, Portugal «não sabe o que é. Não sabe bem o que é como Destino».

É assim, muito evidente, que essa ideia de Lourenço constrói alusões em volta do que Portugal é hoje, qual é o destino em que se encontra no imaginário do povo português. E como a literatura é uma das mais pertinentes expressões culturais de um povo — lugar-comum de difícil escapatória — percebe-se que muitos escritores lançaram e lançam um olhar propenso a perscrutar o debate sobre a identidade lusitana. Nesse sentido, *A jangada de pedra* «sonha, imagina, (re)constrói e propõe um destino próprio para Portugal, revisitando e res-

significando a sua história, a sua identidade e os seus mitos nacionais» (Berndt 2017: 8).

A este propósito, recorro a Ana Paula Arnaut (2008: 38) quando diz que *A jangada de pedra* é «um romance onde o autor, numa genologicamente fluida orquestração romanesca que parece respigar o muito remoto sonho de uma ideal união ibérica, cria a oportunidade para tecer severas críticas à adesão de Portugal à União europeia». Como a Península Ibérica se transforma em uma jangada de pedra à deriva no Oceano Atlântico, a autora já citada afirma que José Saramago diz não a alianças com a Europa *civilizada*, ironicamente designada «mãe amorosa» (Saramago 2017: 33). Pois bem, a ruptura da Península configura-se como um acontecimento que está ligado à crítica política — ou, melhor, reforça a procura no seio de sociedades hispânico-portuguesas e africanas, de novas parcerias econômicas, políticas e culturais, uma vez que a Península Ibérica se move em direção ao sul e estaciona em lugar equidistante da América do Sul e da África — regiões que Portugal colonizara. Ressalva-se que Saramago escreveu o romance no mesmo período em que Portugal e Espanha passaram a integrar a Comunidade Econômica Europeia (CEE). Talvez, por isso, a ideia do autor, de deslocar a Península Ibérica, expressa seu descontentamento em relação a tal fato (Lied 2012):

Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começamos finalmente a saber o que a Europa é, sem não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça (Saramago 2017: 153).

Neste fragmento, extraído d' *A jangada de pedra*, compreende-se a viagem da Península como uma resposta ao sentimento de desigualdade. Trata-se de uma busca pela identidade e liberdade em relação ao continente europeu, fixando-se a Península aos países da periferia do capitalismo. Ou seja, uma nova Atlântida, política e culturalmente unida aos países outrora colonizados pela Espanha e por Portugal. De forma mais ou menos objetiva, na geografia cultural saramaguiana, a Europa não é o lugar natural da Península; mas não é um fato tomado com desgosto por qualquer das partes. Segundo Celestina Gomes e Silva (2017), aqueles que se encontram na jangada em navegação pelo Atlântico não têm qualquer sentimento de saudade; os que ficam no continente assistem à viagem

com indiferença, chegando «ao ponto de insinuar que se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar» (Saramago 2017: 42). Nas próprias palavras de Saramago (2010: 100):

Os meus livros são escritos para portugueses, sobre portugueses, focando questões que têm a ver com Portugal. E não há aqui nenhum nacionalismo. Apenas exprimo este senhor que sou: um escritor a tentar exprimir uma gente que está aqui. O que é interessante é precisamente que um escritor tão português de Portugal, tão limitadamente português nos seus temas, é afinal conhecido, traduzido, lido e discutido. O nacionalismo, entre aspas, compensa. Nós somos quem somos e eu não tenho nenhum interesse em transformar-me em europeu, não me apetece.

Essa exposição é recorrente em suas entrevistas, sobre o fato de nem Portugal e nem próprio Saramago pertencerem à cultura europeia. Há uma recusa em visualizar o país português como um país europeu, em outras palavras, nota-se o desconforto em relação à Europa e à hegemônica cultura europeia. É por isso que Saramago, na década de 80, fez oposição à entrada dos dois países ibéricos na CEE (Comunidade Econômica Europeia), hoje União Europeia. Talvez «por entender que portugueses, e também espanhóis, sempre estiveram marginalizados e distantes — em termos sócio-históricos, culturais, políticos e econômicos — do restante do continente europeu» (Berndt 2017: 83).

Para maior lucidez, percebe-se a legitimidade dessa preocupação do autor (que é vista por muitos críticos literários, como quase uma obsessão) na obra *Diálogos com José Saramago*, de Carlos Reis. Nesta entrevista, Saramago dirige o seu olhar inquiridor mais crítico e eleva a sua voz, entre outras questões, para o obscuro destino de Portugal. Questionado por Reis sobre um dos temas fortes na sua obra, *Portugal ou Portugal e a Europa se quiser*, o autor responde que «o tema forte será Portugal, uma vez que falo dele e falo sempre com uma espécie de dor» (Saramago *apud* Reis 2018: 129). Acrescenta: «quero dizer, gosto da minha terra, mas deixei de a idealizar» (Saramago *apud* Reis 2018: 129). Do mesmo modo, por meio de seu papel extremamente ativo, diz «no que se refere à Europa, continuo a acreditar que ela é um grande engano, que é qualquer coisa que nos vai custar muito caro e que não posso aceitar» (Saramago *apud* Reis 2018: 130). Com efeito, ainda indaga: «afinal de contas, a quem é que a Europa serve?» (Saramago *apud* Reis 2018: 130). Após seu excursão sobre a sua desconfiança perante o destino de Portugal, Saramago sublinha: «E essa incógnita, esse não saber, esse não ter ideia nenhuma do que seremos, e ter muitas razões para esperar o pior, e, portanto a indiferença perante essa perspectiva, é isso que me dói. Ou seja; tendo eu deixado de idealizar o Portugalzinho nosso, esse Portugalzinho continua a doer-me muito» (Saramago *apud* Reis 2018: 131).

Outro ponto que desejo clarificar é que, apesar da brutalidade do tema enfrentado, Saramago desconstrói as narrativas históricas que foram edificadas na afirmação de que Portugal também sempre foi ignorado pela Espanha. No discurso do autor, insere-se «um novo paradigma narrativo na defesa de uma unidade ibérica com base numa identidade cultural dos dois povos» (Silva 2017: s/p). Portanto, a ocasião refere-se ao *iberismo*, termo com que Saramago intitula uma maneira de ser comum aos dois países, identificada por uma possibilidade utópica, uma ânsia de aventura, uma «atitude vital e um olhar profundo que, ao mesmo tempo que une os povos que habitam a ilha ibérica, os separa de uma Europa dominada por um espírito cartesiano e por um sentido eminentemente prático» (Silva 2017: s/p). Todavia, Saramago vai além dessa constatação ao criar o termo *transiberismo*, que configura esta vocação dos povos peninsulares para o Sul. Em outras palavras, mais do que reconhecer e valorizar as relações entre Portugal e Espanha, sua concepção representa «as possibilidades e obrigatoriedades de diálogo, de relação direta e fraternidade contraídos historicamente pela Península com a África e América latina» (Gómez Aguilera 2010: 392). Portanto, em termos sociais e, sobretudo, econômicos, são povos que vivem em circunstâncias análogas aos povos ibéricos. Na obra *Palavras de Saramago*, organizada por Fernando Gómez Aguilera, há uma compilação de entrevistas do autor acerca do seu discurso nas quais revela a sua visão sobre o *iberismo* e *transiberismo*:

[*A jangada de pedra*] é consequência de um ressentimento histórico. E tinha de ser escrita por um português, não por um espanhol, pois os espanhóis conheceram outros horizontes. Esse português afirma aos europeus: já que vocês não nos querem, então vamos embora. Mas não faria sentido descolar a Espanha da península; teríamos de ir juntos. Essa ideia de sairmos da Europa quando se está criando uma comunidade europeia seria, dito dessa maneira, uma simplificação. A coisa é mais complexa. Espanha e Portugal têm mais possibilidades de diálogo do que a Europa: com a América Latina, com os países de África. Quando a Península Ibérica se distancia, nessa ilha, rumo ao Atlântico Sul, rumo a tudo o que o Sul implica, de confronto com o Norte, com a dualidade riqueza e pobreza, superioridade e inferioridade. Essa «jangada de pedra» é uma metáfora que tenta expressar uma ideia: a do *transiberismo*, que não é um *iberismo* como o do século XIX e até mesmo do século XX, da unidade política, que não seria mais do que uma outra fonte de conflitos. É a ideia de alguma coisa que nos pertence em comum: uma maneira própria de viver e de sentir, diferente da Europa, e que nos deveria aproximar. Não estou falando de união, mas de unidade, a unidade ibérica, que deveríamos levar conosco nessa «jangada de pedra», nessa proposta de diálogo e de encontro (Saramago *apud* Gómez Aguilera 2010: 395).

Contudo, por meio do olhar atento ao discurso ideológico que permeia toda a construção textual saramaguiana, percebe-se que não é impossível descortinar, também, outros sinais que caracterizam e consolidam o conjunto de sua obra. Mas entre as variadas interpretações, creio que no final, todas revelam um inegável *continuum* narrativo, na medida em que se evidencia uma rede de sentidos e leituras possíveis. De resto, quero sublinhar de forma sugestiva que, nas linhas finais d’*A jangada de pedra*, a viagem parece ser interminável. Depois que a Península «ancora» ou «estaciona» em algum lugar entre a costa ocidental da África e a América Central ou América do Sul, como já dito, cada um dos personagens segue sozinho o seu destino: «os homens e as mulheres, estes seguirão o seu caminho, que futuro, que tempo, que destino. A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem» (Saramago 2017: 317).

Por outras palavras, não há respostas conclusivas e o fim de uma viagem é sempre o início de outra; é como se o autor deixasse, desse modo, uma fecunda esperança de um novo Destino.

Referências bibliográficas:

- Arnaut, Ana Paula (2008). *José Saramago*. Lisboa: Edições 70.
- Berndt, Charles Vitor (2017). *Portugal como destino: Pessoa, Torga e Saramago*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gómez Aguilera, Fernando (2010). *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lied, M. A. C. (2012). «Relações pessoais e míticas entre as personagens n’*A jangada de pedra*». *Nau Literária: crítica e teoria da literatura em língua portuguesa*, 2, vol. 8 [13 de março de 2019]. file:///E:/Documentos/Downloads/36222-145760-1-PB.pdf.
- Lourenço, Eduardo (1999). *Mitologia da saudade, seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Reis, Carlos (2018). *Diálogos com José Saramago*. Belém: UFPA.
- Saramago, José (1996). *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2017). *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Celestina Gomes e (2017). «José Saramago». *A Europa face à Europa: prosadores escrevem a Europa*. [24 novembro 2019]. <https://aeuropafaceaeuropa.il-cml.com/pt/verbetes/jose-saramago>.